

# *Editorial*

---

## *Mundo em transformação e país do presente*

*Poucos temas atraem a atenção, mexem com a imaginação e provocam tantas reflexões atualmente como a proximidade do ano 2000 e o começo de um novo milênio. Com surpreendente soma de ousadia e confiança, só para dar alguns exemplos, discutimos a vida nos próximos séculos, especulamos sobre o comportamento do homem e da mulher no futuro, esboçamos formas de inter-relacionamento entre o homem e as máquinas, definimos o governo mundial supostamente necessário, configuramos o Estado e demais instituições no terceiro milênio, apontamos as conseqüências dos desgastes ambientais, prevemos como serão ou poderão ser os encontros com civilizações extraterrestres.*

*Em tudo isso, oscilamos entre previsões fantasticamente maravilhosas ou sombriamente pessimistas, refletindo inconscientemente os temores milenaristas que assaltaram a humanidade por volta do ano 1000 e as agradavelmente doces ou trágicas lembranças deste moribundo século XX. Para alguns entusiastas, já entramos no século XXI aí pela década de 60, questionando o establishment, rejeitando as guerras coloniais ou ideológicas, redesenhando os papéis masculinos e femininos, experimentando novas modalidades de vida familiar, criticando os usos impróprios da ciência, criando os movimentos ecológicos. Para outros, infelizmente, entraremos no novo milênio carregados de culpa, pois lado a lado com as descobertas e desenvolvimentos científicos e tecnológicos e as revoluções culturais e artísticas, é dolorosamente verdadeiro que devam ser colocados os milhões de mortes decorrentes de confrontos mundiais, regionais e locais ou de frias ditaduras de direita e de esquerda.*

*Se aprendemos alguma lição, num severo balanço, é que, como se dizia nos primeiros tempos da UNESCO, tudo começa na cabeça dos homens, o bem e o mal, a paz e a guerra, a tristeza e a esperança, a desigualdade e a igualdade. De fato, o século longo ou o século breve, como queiram, é ilustrativo das muitas alternativas com que, como seres humanos, brasileiros e educadores, teremos de nos defrontar para fazer deste país um espaço solidamente democrático, igualitarista, solidário, isto é, tudo aquilo que os valores mais permanentes da profunda religiosidade de nosso povo vêm proclamando há séculos.*

*Uma segunda lição, e muito clara, é a de que tudo que começa na mente dos homens e das mulheres se inicia mesmo é na família e na escola. Realmente, a larga separação entre essas duas instituições tem efeitos duradouros e desastro-*

---

*sos, pouco importando se devida ao crescente número de lares sob a responsabilidade de apenas um dos pais, à necessidade de trabalhar dos cônjuges, ou ainda à forte arrogância da escola, que se acredita exclusiva na capacidade e no direito de decidir sobre o que oferecer em termos de ensino.*

*Uma terceira e gravíssima lição, para ficarmos somente nestas três, é a de que, na origem de tudo, estão presentes a desigualdade no acesso e na qualidade da escolaridade e a equivocada crença de que, num mundo que se pluraliza aceleradamente, as instituições educativas possam prosseguir no trilho cômodo da uniformidade e da repetição.*

*Com esse tripé, torna-se claro que - para ultrapassar o mágico ano 2000 e ingressar em melhores condições no sonhado terceiro milênio - o Brasil requer urgentemente políticas, recursos, estruturas e incentivos que façam da educação o centro de suas mudanças e não mais o último ou quase último elo de um encadeamento de iniciativas no rumo de um melhor futuro.*

*Nessa linha Ensaio espera continuar trazendo regularmente a sua contribuição. Selecionamos para este número, conseqüentemente:*

*- dois artigos numa ótica abrangente, o primeiro de Márcia Simão Linhares Barreto e o segundo de José Paulo Coutinho Dunley Jr.;*

*- um estudo de natureza histórica, de Diana Couto Pinto, Márcia Cristina Leal e Marília de Araújo Lima Pimentel;*

*- e, como sempre, um conjunto de trabalhos sobre a teoria e a prática da avaliação educacional, da autoria de Bernardo Kipnis e Paulo Sérgio Bareicha, de Maria da Conceição Bizerra e outras, de Genuino Bordignon, de Maria Judith Sucupira da Costa Lins, e da UNICAMP (este último na seção Documentos);*

*- além de duas análises sobre a aplicação do modelo de qualidade total à área da educação, escritos, um, por Marco César Goldbarg e Iloneide Carlos de Oliveira Ramos, e, o outro, pelo Ministério da Educação do Chile.*

**Carlos Alberto Serpa de Oliveira**  
*Editor*

---